

TRANSTORNOS MENTAIS NA ADOLESCÊNCIA: INCIDÊNCIA EM UMA ESCOLA PRIVADA E UMA ESCOLA PÚBLICA DE UM MUNICÍPIO CATARINENSE

NASCIMENTO, Danieli C. Sonaglio¹; DORNELES, Flavia A. da Silva¹; POMPERMAIER, Charlene²

Resumo

O aumento na incidência de transtornos mentais na adolescência vem chamando atenção, sendo associados a diversos fatores: proximidade da idade adulta, construção de vida social; emoções conturbadas; iniciação sexual, dentre outros. Desta forma, este trabalho teve como objetivo identificar a incidência de transtornos mentais em adolescentes estudantes do ensino médio de uma escola pública e uma escola privada de um Município de Pequeno Porte do Oeste Catarinense. Trata-se de um estudo epidemiológico exploratório, realizado através de questionário com os pais/responsáveis pelos adolescentes. Foram obtidas quarenta e sete respostas, sendo a maioria de estudantes da escola pública. Dentre as alterações de comportamento, a instabilidade emocional e diminuição de interesse tiveram maior incidência. Desavenças com conhecidos, bullying na escola e separação dos pais foram os fatores de risco mais relatados. Vinte pais (42%) procuraram atendimento em saúde mental, sendo que 14 adolescentes receberam diagnósticos de transtornos. Conhecer a incidência dos adolescentes com transtornos mentais é fundamental para que pais, professores e profissionais de saúde possam atuar em conjunto, prevenindo sua ocorrência.

Palavras-chave: Transtornos mentais. Adolescentes. Incidência.

1 INTRODUÇÃO

Os transtornos mentais são um conjunto de condições que afetam a cognição, o emocional e o comportamento humano, sendo considerados um desafio para a saúde pública visto que acometem pessoas de todas as

idades, sexo, etnias, classes sociais, profissões, tanto em países desenvolvidos como em países em desenvolvimento, com maior incidência nos de baixa renda. (LOPES, 2020).

Os adolescentes por ainda estarem em fase de desenvolvimento são mais afetados pelos transtornos mentais, os quais levam a depressão e ao suicídio, em casos mais graves. Assim sendo mostra-se importante o diagnóstico precoce realizado por profissional habilitado objetivando a prescrição de um tratamento adequado. (OPAS, 2022).

Os fatores que estão relacionados aos transtornos mentais na adolescência, dizem respeito às mudanças ambientais ao qual o jovem precisa moldar-se para a fase adulta, questões individuais como a construção de sua vida social e sentimentos emocionais conturbados. (RIBEIRO; MOREIRA, 2018). Para Alcântara et al, (2018), são diversos os diagnósticos em doenças mentais, classificadas em depressão, ansiedade, esquizofrenia e outros; o que há em comum a elas são as suas complicações que geram isolamento social, dificuldade de manter-se em atividades básicas de vida e conviver na sociedade.

No Sistema Único de Saúde (SUS), a atenção básica pode oferecer tratamento ao paciente com algum diagnóstico em saúde mental, porém, limita-se aqueles considerados leves e moderados. Quando o transtorno psíquico diagnosticado na UBS não é passível de tratamento pelos recursos disponíveis, pode-se então encaminhar o paciente a outras instituições, como os Centros de Atenção Psicossocial. (ROCHA; HARA; PAPROCKI, 2015). Porém, são poucas as cidades que contam com centros especializados para crianças e adolescentes, que permanecem desassistidos, visto que parte pequena das famílias tem poder aquisitivo para tratamento e acompanhamento privado.

Desta forma, o presente projeto de pesquisa tem o objetivo de identificar a incidência de transtornos mentais em adolescentes estudantes do ensino médio da rede pública e privada de um Município de pequeno porte do Oeste de Santa Catarina. Como objetivos específicos: traçar o perfil dos adolescentes com diagnóstico de transtorno mental em relação a idade, sexo, tipo de diagnóstico, fatores de risco, medicamentos utilizados, tipo de

acompanhamento e risco para suicídio, e, comparar os achados entre a rede pública e privada.

2 DESENVOLVIMENTO

1. BREVE REVISÃO DE LITERATURA

A saúde mental, trata-se de um conceito muito mais amplo que o de doença mental, está relacionado a forma de vida, emoções, desejos, conflitos e traumas das pessoas. Ter saúde mental é estar bem consigo mesmo, saber aceitar as exigências da vida, as emoções agradáveis e desagradáveis, reconhecer seus limites, sempre buscando ajuda quando for necessário. (PARANÁ, 2020).

Transtornos mentais são alterações do funcionamento da mente que prejudicam o desempenho da pessoa na vida familiar, social, pessoal, no trabalho, nos estudos, na compreensão de si e dos outros, dentre outros. São provenientes da soma de diversos fatores, como alterações no funcionamento do cérebro, fatores genéticos, condições de educação, exposição a estresses, perdas e decepções. (AMARAL, 2011).

Tem sido considerados um dos principais desafios da agenda da saúde, tanto em países desenvolvidos ou em desenvolvimento, representando um fardo importante para o serviço público. Estima-se que 30% dos adultos em todo o mundo atendem aos critérios diagnósticos para qualquer transtorno mental, sendo que aproximadamente 80% das pessoas com transtornos mentais vivem em países de baixa e média renda. (LOPES, 2020).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) destacam que os transtorno mentais dizem respeito à 12% da carga global de doenças e 1% da mortalidade, sendo que menos de 1% dos recursos de saúde são destinados a ações de saúde mental. Ainda assim, mais de 40% dos países carecem de políticas de saúde mental e 30% não possuem programas nessa área. Sabe-se que a maioria das doenças são tratáveis e evitáveis, confirmando a premissa de que ao investir na prevenção e promoção da saúde mental, a quantidade de incapacidades

causadas por essas doenças, podem ser reduzidas. (SANTOS & SIQUEIRA, 2010).

Santos e Siqueira (2010) apontam que 3% da população geral brasileira sofre com transtornos mentais graves e persistentes, 6% apresentam transtornos psiquiátricos graves decorrentes do uso de álcool e outras drogas e 12% necessitam de algum atendimento relacionado a saúde mental, seja ele contínuo ou eventual. Entretanto, grande parte da população com algum transtorno mental não busca atendimento psiquiátrico, por razões que estão relacionadas, muitas vezes, pelo simples fato do desconhecimento da doença, ao preconceito, à falta de treinamento das equipes para lidar com esses transtornos, à falta de serviços adequados para atendimento psiquiátrico, ao medo.

Com base em dados nacionais e escolares, cerca de 30% dos adolescentes no Brasil sofrem de transtorno mental comum, o qual é caracterizado por sintomas de ansiedade, depressão e desconforto físico. A idade média de início de doenças mentais, como transtorno de ansiedade é de 13 anos, já transtorno do controle de impulsos é de 14 anos. (LOPES, 2020).

O avanço da tecnologia impulsionado pela globalização, a influência da mídia e das diferentes realidades de gênero, tem provocado novas espécies de transtornos mentais. O isolamento imposto pela pandemia do coronavírus (Covid-19) acentuou os casos de transtornos mentais, com um aumento de aproximadamente 25%, sendo que os mais afetados foram os jovens. (OPAS, 2022).

Desta forma, estudos para identificação da incidência de transtornos mentais em adolescentes, de forma local, podem auxiliar na compreensão e sensibilização de pais e professores sobre a problemática, que vem aumentando de maneira significativa, e, também, identificando oportunidades de melhoria na rede de atenção à saúde.

2. MÉTODO

Trata-se de um estudo epidemiológico exploratório, descritivo e prospectivo com intuito de identificar a incidência de transtornos mentais em

adolescentes estudantes do ensino médio de um Município de pequeno porte do Oeste de Santa Catarina. Foi realizado nos meses de agosto e setembro de dois mil e vinte dois tendo como público-alvo os pais e responsáveis dos estudantes do Ensino médio de uma Escola Pública Estadual e uma Escola Privada de um Município do Oeste Catarinense, mediante assinatura em Termo de Aceite de Instituição Coparticipante.

Após aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/Unoesc, com apoio das Coordenações das escolas, os pais e/ou responsáveis receberam um questionário eletrônico, mediante aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O questionário adaptado do MI-mhGAP Manual de Intervenções para Transtornos Mentais OPAS, (2018), conta com perguntas para identificação do adolescente, como sexo, idade, série escolar e escola; onze questões fechadas sobre o comportamento observado do adolescente no último ano; três questões sobre exposição a fatores de risco para transtornos mentais e seis sobre histórico de atendimento em saúde mental e acesso aos serviços de saúde.

Os dados foram tabelados e analisados em planilha EXCEL avaliando percentual de ocorrência e frequência absoluta e comparados a literatura atual sobre o tema e encaminhados para os pais e professores.

3. RESULTADOS

A Coordenação das escolas encaminhou por e-mail e aplicativo de mensagens instantâneas (Whatsapp) o questionário para os pais/responsáveis dos adolescentes, bem como orientação sobre a importância da participação na pesquisa. Apesar de ampla divulgação, obteve-se somente 47 respostas. Optou-se por coletar as informações através dos pais e/ou responsáveis devido a confiabilidade dos dados, visto que os alunos podem não expressar a realidade.

Caracterizado os adolescentes, 53% foram do sexo feminino e 47% do sexo masculino, sendo 23 estudantes do 1º ano, 06 do 2º ano e 18 do 3º ano do ensino médio. Em relação a idade, 36% com 16 anos, 23% com 18 anos,

20% com 17 anos, 13% com 15 anos e o restante com 19 e 20 anos em menor proporção. Em se tratando da escola de estudo, 72% de escola pública e 28% de escola privada de ensino.

O questionário foi baseado no MI-mhGAP Manual de Intervenções para Transtornos Mentais OPAS, (2018), e foi dividido em três áreas de perguntas levando em consideração o último ano, sendo: avaliação do comportamento do adolescente, presença de fatores de risco para o desenvolvimento de transtornos mentais e acesso aos serviços de saúde.

A adolescência é um período de grandes mudanças físicas, emocionais e de comportamento, sendo um momento único que molda as pessoas para a vida adulta. As alterações de comportamento são normais nesta faixa etária, mas devem ser observadas pois podem indicar a presença de sofrimento e/ou transtornos mentais (OPAS, 2018). Os comportamentos mais relatados pelos pais/ responsáveis dos adolescentes podem ser vistos abaixo:

Principais alterações de comportamento observadas

- Instabilidade emocional - humor irritável, incomodado, frustrado ou deprimido, explosões emocionais ou sofrimento excessivo - 57%
- Diminuição do interesse ou participação em atividades, permanecendo isolado - 52%
- Alteração dos hábitos de sono e alimentar significativos - 36%
- Desatenção frequente, interrompendo as atividades antes do término e passando a realizar outras atividades - 36%
- Busca constante por atenção - 30%

Fonte: os autores, 2022.

Ao confrontar os achados entre os sexos, a instabilidade emocional e a busca constante por atenção foi observada com maior frequência no sexo feminino. Em se tratando da comparação entre escola pública e privada, não houve diferença significativa.

Para Valverde et al, (2012) o padrão antissocial é mais comum no sexo masculino, embora se venha observando que meninas também estão

apresentando problemas de externalização. Comportamentos depressivos também podem ocorrer na adolescência, sendo que 40% dos adolescentes são descritos pelos pais e professores como infelizes, tristes ou deprimidos tendo sido encontrada maior incidência depressiva em meninas.

Os transtornos mentais são resultado de fatores genéticos e ambientais, sendo que vinte oito por cento (28%) dos pesquisados possuem histórico familiar de transtornos mentais. Segundo a Organização Panamericana de Saúde (2022, s.n.), "múltiplos fatores determinam a saúde mental de um adolescente. Quanto mais expostos aos fatores de risco, maior potencial na saúde mental". Os fatores de risco mais observados na pesquisa podem ser vistos abaixo:

Fatores de risco para transtornos mentais

Brigas e desavenças com pessoas próximas - 28%

Bullying na escola - 22%

Morte de ente querido - 17%

Separação dos pais - 15%

Cobranças excessivas da escola - 11%

Nenhum - 36%

Fonte: os autores, 2022.

Thiengo et al, (2014) descrevem como fatores associados aos transtornos mentais: fatores biológicos, relacionados a anormalidades do sistema nervoso central, causadas por lesões, infecções, desnutrição ou exposição a toxinas; fatores genéticos, relacionados à história familiar de transtorno mental; fatores psicossociais, relacionados a disfunções na vida familiar e situações indutoras de estresse; e fatores ambientais, como problemas na comunidade (violência urbana) e tipos de abuso (físico, psicológico e sexual).

Brigas e desavenças são situações comuns vivenciadas na época da adolescência. "Entre os fatores que contribuem para o estresse nesse momento da vida, estão o desejo de maior autonomia, pressão para se

conformar com pares, exploração da identidade sexual e maior acesso e uso de tecnologias”, favorecendo os conflitos interpessoais. (OPAS, 2022, s.n.)

O bullying na escola chama a atenção pela sua alta incidência e foi observado em maior percentual na escola privada, que também registrou maior cobrança excessiva, ao ser comparada com a escola pública. O fenômeno social nomeado bullying está presente desde as classes mais pobres até as mais ricas, causando problemas principalmente nos adolescentes que são os alvos mais comuns dessa prática. Sabemos que ocorre com maior frequência no ambiente escolar, e pesquisas apontam que as crianças e adolescentes que sofrem ou testemunham situações de bullying, são mais propensas a desenvolverem quadros de sofrimentos e problemas psicossociais. (CARVALHO; CAMARGOS; REIS, 2021).

O divórcio tem um papel fundamental na relação do pai com os filhos, pois a situação geralmente deixa severas consequências na vida dos adolescentes, pois trata-se de uma mudança repentina e não esperada no contexto familiar. A complexidade do divórcio está em reconhecer que é um momento de instabilidade que impacta, sim, os indivíduos envolvidos; mas ao mesmo tempo saber que a sua ocorrência por si só não é determinante de saúde, adoecimento, funcionalidade ou disfuncionalidade na vida dos indivíduos. (VIEIRA; NEUMANN; ZORDAN, 2019).

Tentativa de suicídio e abuso sexual foram relatados por dois pais ou responsáveis. “Crianças e adolescentes são especialmente vulneráveis à violência sexual, que tem uma associação clara com a saúde mental prejudicada”, levando a prejuízos significativos no desenvolvimento do indivíduo. O suicídio “é a terceira principal causa de morte entre adolescentes”, devendo ser investido em programas de prevenção ao suicídio e acompanhamento dos pacientes com comportamentos sugestivos e /ou expostos a fatores de risco conhecido (OPAS, 2022, s.n.).

O uso de substâncias também é considerado como um fator de risco para o desenvolvimento de transtornos mentais. Somente onze pais ou responsáveis (23%) relataram uso de substâncias, sendo: 15% com consumo exagerado de álcool, 6% com uso de cigarro e 2% com maconha, não tendo

diferença entre sexo e escola. Nem sempre os adolescentes relatam aos pais os comportamentos de risco, por isso a importância de incentivar o vínculo e comunicação entre pais e filhos. A escola possui papel importante neste contexto, percebendo alteração de comportamento e comunicando a família. Segundo a Organização Panamericana de Saúde (2022, s.n.) o uso nocivo de substâncias entre adolescentes aumenta a probabilidade de riscos adicionais, como a prática de sexo inseguro. Por sua vez, o comportamento sexual não seguro aumenta o risco de adolescentes com infecções sexualmente transmissíveis (IST) e gravidez precoce – uma das principais causas de morte de adolescentes e mulheres jovens (inclusive durante o parto e em abortos não seguros). O uso de tabaco e cannabis são outras preocupações. Em 2016, com base em dados disponibilizados por 130 países, estimou-se que 5,6% dos jovens com 15 e 16 anos já haviam consumido cannabis ao menos uma vez no ano anterior. Muitos fumantes adultos fumam o primeiro cigarro antes dos 18 anos de idade.

A busca por serviços de saúde foi relatada por 20 pais e/ou responsáveis (42%), tendo grande relação por aqueles que mencionaram alterações de comportamento e exposição a fatores de risco, sendo 35% o serviço público e 65% o serviço privado. A maior procura foi de adolescentes estudantes em escola privada (60%), e a pública (40%).

Os profissionais que prestaram atendimento foram psicólogos em 50% dos atendimentos, neurologista em 20% e psiquiatra e médico clínico geral (5% respectivamente). Após a busca por atendimento, 16 adolescentes receberam diagnósticos de transtornos mentais, sendo: sete com transtorno de atenção e hiperatividade (TDAH), sete com ansiedade, um com depressão e um com transtorno bipolar. Chama a atenção que o diagnóstico de TDAH, dos sete casos, seis foram em consultas privadas. Em pesquisa realizada por Thiengo et al, (2014) os transtornos mentais mais prevalentes entre crianças e adolescentes foram depressão, transtornos de ansiedade, TDAH, transtornos decorrentes do uso de substâncias e transtorno de conduta.

Dentre os adolescentes diagnosticados com transtornos mentais, 14 deles (87,5%) receberam tratamento medicamentoso e seis (37,5%) a

psicoterapia. É importante ressaltar que “a medicalização se faz necessária em determinados casos, no entanto, o tratamento medicamentoso atende somente às necessidades biológicas do indivíduo”. O tratamento medicamentoso tem sido amplamente utilizado como tratamento, sendo considerado mais fácil e aceito perante a sociedade, porém, é fundamental que se avalie o contexto em que esse adolescente está inserido, sendo que a psicoterapia associada a farmacoterapia tem maiores resultados, principalmente quando os pais participam do processo. (POISK, 2019, p. 98).

Para finalizar, os pais e/ou responsáveis foram questionados quanto a participação em grupos de apoio e troca de experiências familiares sobre a saúde mental dos adolescentes, sendo que 36% dos pais responderam que participariam, sendo a maioria de pais de escola pública. Para a Organização Panamericana de Saúde (OPA, 2022), a promoção da saúde e do bem-estar dos adolescentes auxilia a construir resiliência para lidar com situações difíceis e adversidade, como por exemplo as intervenções em grupo incluindo a família e intervenções na escola trazendo um ambiente psicológico seguro e positivo. Fomentar a discussão sobre o assunto é fundamental para que os profissionais da saúde, escola e pais busquem em conjunto medidas de proteção e promoção da saúde mental dos adolescentes.

3 CONCLUSÃO

Durante a construção do presente artigo, primeiramente buscou-se uma fundamentação teórica em livros e artigos científicos. Com a leitura dos referidos textos foi observado que os transtornos mentais em adolescentes têm crescido exponencialmente nos últimos anos. O tema ainda é um tabu na sociedade, sendo pouco discutido e negligenciado tanto pelos profissionais da saúde, quanto pais e professores.

Observa-se, que apesar de um pequeno número de participantes, diversos são os adolescentes com alterações de comportamento, algumas previstas pela idade, mas que podem ser um sinal de alerta para a ocorrência de transtornos. Nesta faixa etária, são expostos a muitos estressores, como

desavenças com pessoas próximas, separação dos pais, cobranças excessivas da escola, e em grande percentual o bullying na escola, que deveria ser um local ativo na busca por um ambiente mais saudável.

O presente trabalho será encaminhado as Secretarias das escolas, Secretaria Municipal de Saúde e aos pais/ responsáveis que participaram do estudo, com intuito de promover a discussão sobre o tema. Novos estudos e abordagens devem ser encorajados, para que ações sejam realizadas a fim de promover a saúde mental e oferecer atendimento oportuno quando necessário.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Camila Bonfim de et al. A terapêutica medicamentosa às pessoas com transtorno mental na visão de profissionais da enfermagem. Escola Anna Nery. Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 1–7, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ean/v22n2/pt_1414-8145-ean-2177-9465-EAN-2017-0294.pdf. Acesso em: 22 out. 2022.
- AMARAL, Osvaldo Lopes. Transtornos Mentais. Instituto de Estudos e Orientação da Família, Água Branca SP, 2011. Disponível em: <<http://www.inef.com.br/transtornos.html>>. Acesso em: de Nov de 2022.
- CARVALHO, Angélica Maria Silva; CAMARGOS, Nataniely Neves; REIS, Simone. O Bullying Na Infância E Seus Efeitos Na Vida Adulta. Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, p. 01 – 35. 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/14051/1/TCC%20FINAL%203.pdf>. Acesso em: 30 de Nov de 2022.
- LOPES, Claudia de Souza. Como está a saúde mental dos brasileiros? A importância das coortes de nascimento para melhor compreensão do problema. Scielo, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 1 – 4. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/WwQjPXP47HByZVtpHvvZXBh/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 de abril de 2022.
- ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE (OPAS). Saúde mental dos adolescentes. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes#:~:text=Os%20transtornos%20emocionais%20geralmente%20surgem,irritabilidade%2C%20frustra%C3%A7%C3%A3o%20ou%20raiva%20excessivas>. Acesso em: 18 de Jul de 2022.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE (OPAS). MI-mhGAP Manual de Intervenções para transtornos mentais, neurológicos e por uso de álcool e outras drogas na rede de atenção básica à saúde. Versão 2.0, 2018. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/49096?locale-attribute=pt>. Acesso em: 18 de mar de 2022.

PARANÁ. Saúde Mental. Secretaria da Saúde do Estado do Paraná, 2020. Disponível em: <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Saude-Mental>. Acesso em: 08 de Abril de 2022.

POISK, Camilla Casotti; et al. Psicopatologias na infância e na adolescência. FAG Journal of Health, São Paulo, v. 1, n°. 4, p. 94 – 99, 19 de novembro de 2019. Disponível em: < file:///C:/Users/Admin/Downloads/153-Texto%20do%20artigo-675-1-10-20191218%20(1).pdf>. Acesso em: 30 de Nov de 2022.

RIBEIRO, José Mendes Ribeiro; MOREIRA, Marcelo Rasga. An approach to suicide among adolescents and youth in Brazil. Ciencia e Saude Coletiva, v. 23, n. 9, p. 2821–2834, 2018. Disponível em:<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-81232018000902821&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 12 abr. 2022.

ROCHA, Fábio Lopes; HARA, Cláudia; PAPROCKI, Jorge. Doença mental e estigma. Rev Med Minas Gerais. Minas Gerais, v. 25, n. 4, p. 590–596, 2015. Disponível em: <http://www.rmmg.org/exportar-pdf/1876/v25n4a19.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SANTOS, Élem Guimarães; SIQUEIRA, Marluce Miguel. Prevalência dos Transtornos Mentais na População Adulta Brasileira: uma revisão sistemática de 1997 a 2009. Scielo, Espirito Santo, v. 59, n. 3, p. 238-246, 24 de agosto de 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/FNQ5qZjtSdwznsjZzHTH7jS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 de Out de 2022.

THIENGO, Daianna Lima; CAVALCANTE, Maria Tavares; LOVISI, Giovanni Marcos. Prevalência de Transtornos Mentais Entre Crianças e Adolescentes e Fatores Associados: uma revisão sistemática. Scielo, Rio de Janeiro, v. 63, n°. 4, p. 360 – 372, 20 de maio de 2014. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/L3j6bTTtvSK4W9Npd7KQJNB/>>. Acesso em: 29 de Out de 2022.

VALVERDE, Benedita Salete Costa Lima; et al. Levantamento de Problemas Comportamentais/Emocionais em um Ambulatório para Adolescentes. Scielo, São Paulo, v. 22, n. 53, p. 315-123, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/fJR9LnyNQVHwXLXXdgL386M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 de Nov de 2022.

VIEIRA, Luciane; MEUMANN, Angélica Paula; ZORDAN, Eliana Piccoli. O Divórcio e o Recasamento dos Pais na Percepção dos Filhos Adolescentes. Scielo, São Paulo, V. 1, nº 23, p. 121-136. 25 de outubro de 2018. Disponível em: < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v23n1/v23n1a10.pdf>>. Acesso em: 29 de Out de 2022.

Sobre o(s) autor(es)

1 Acadêmica do 6º período de Graduação em Enfermagem da Unoesc Xanxerê. Bolsista do Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina – Uniedu, danielicsonaglio@gmail.com;
1 Acadêmica do 6º período de Graduação em Enfermagem da Unoesc Xanxerê. Bolsista do Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina – Uniedu, dorneles.flavia03@gmail.com
2 Enfermeira, Mestre em Biociências e Saúde, Docente do Curso de Graduação em Enfermagem Unoesc Xanxerê – pompermaier.c@unoesc.edu.br